



Maria Pereira

Interviewer: Vamos começar com o seu nome.

O meu nome é Maria C. Pereira. Maria Cândida Pereira. E eu vim para a América já tinha quarenta e tal anos. Já tinha quase 50 anos. Mas o meu marido já tinha vindo à América de passeio. Trabalhou no Vale de São Joaquim nas vacas. Veio de passeio e apanhou uma chance para ir para trás, mas sempre gostou muito desta terra, porque ele também estava, estava lá no Pico, mas foi andar a Ponta Delgada num barco. Ele era marinheiro e eu estava em terra com os meus filhos e depois ele deu um salto aqui de passeio e foi para trás com aquela cegueira de vir para aqui para a América que se agente fosse, era bom para os pequenos. A minha filha já tinha 17 anos quando viemos para a América, e já tinha o sétimo ano de Portugal. E o meu filho já tinha 15 anos, mas também estava na escola e depois veio completar aqui o—teve o high school. E agente fomos, ela veio para aqui para o Cameo pedir trabalho e, a fábrica das cortinas, e eles arranjam-lhe um part-timezinho porque ela tinha sempre a cegueira de vir para o SMU. E eu fui pedir trabalho às outras fábricas. Fui para a fábrica das carteiras e depois não me ajeitei lá muito bem fui para o Elco, uma fábrica de vertidos. Gostei muito de estar lá ... [inaudible]... já fazia qualquer coisa, mas aprendi muito, e depois era a fábrica das modas daqui. Eu gostei do ambiente, além de ser diferente da nossa terra, mas, agente aprende outras coisas diferentes. E depois corri mais fábricas, mas sempre tive o meu trabalho até ter a minha reforma. E depois foi assim, andar a lutar, em casa, fazer a vida da casa conforme fazia lá. A gente veio de lá num ambiente pobre, mas aqui, a gente já tem mais abundância e já fui procurando fazer a nossa vida, sempre com os costumes de lá—quanto a refeições, a vida era para aquele ambiente para a gente chegar a ter alguma coisa na vida. E depois foi assim. Os meus filhos casaram, e seguiram a sua vida. A minha filha está trabalhando como social worker; trabalha em psicologia com pessoas assim.

Interviewer: Yeah, eu sei.

Ela ajuda as pessoas. E gostámos de estar aqui. A gente gostámos e os nossos filhos também gostaram. Mas a terra não é o que penso quando estamos lá. A gente pensa indo à América, naquele tempo, a América das sacas de roupa que mandavam para lá para melhorar a vida, e as cartas da América com as dólarzinhas, que às vezes mandavam pelo Natal. Achávamos muito bonito. Mas agora já mudou mais. Lá está melhor, e ainda bem. Mas terra como esta para ajudar, não sei onde está. Não sei onde está. Apesar que alguns daqueles que emigraram e que já estão há anos aqui, se chega um de lá e começa a trabalhar ao pé dele, eles ainda marcam a maneira de trabalhar. Ai ela não se despacha, não tem jeito para nada. E a gente sofre. Mas depois, quando a gente agarra o jeito de acompanhar os trabalhos, e de fazer a sua vida, a gente sente-se feliz. É uma terra que deu para uns tristeza, porque sempre acontece coisas más na vida, e para outros, foi, muita gente está feliz e lá não tinham nada de si. Foi assim. A nossa casa ficou lá. Depois veio os abalos de terra, os tremores de terra, a casa foi para o chão. Depois os meus filhos, a gente estavam aqui concertaram a casa e já não estava na feita. Estavam principiando, quando tiveram dinheiro. Aquilo era tudo gizado para a gente não pagava o juro do dinheiro ao banco. A gente fazia contas ao tempo de pagar as nossas coisas sem pagar juro. Pagar antes de fechar o juro, para não pagar muita pressão ao banco para ver se seguia na vida. E foi assim. Não folgámos muito, mas já demos alguns passeios e gostámos. Depois formaram aqui estes grupos de idosas, eu fui para o grupo de idosas. Tenho um livro escrito com versos meus e de outras amigas. Que se tinha ali um, e dava ao senhor. Eu dava-lhe um livro daqueles.

Interviewer: Estamos felizes a gravar a sua história e as histórias dos outros. Isto é bom.

Sim, mas eu sou do Pico.



Interviewer: Qual o concelho?

Concelho da Madalena.

Interviewer: Madalena?

Sim.

Interviewer: Onde o barco chega, não é? The ferry?

Sim, sim, sim.

Interviewer: Madalena, yeah. Atraquei lá duas vezes.

Até fiz um poema ao Pico:

Meu príncipe, meu companheiro, desde as primeiras horas da minha vida,
acolheste-me nos teus braços, no teu colo fiz minha dormida;
deste-me amor e carinho, e algumas vezes tortura;
mas puseste a saudade no meu caminho, mas ensinaste-me a amar com ternura.

Hoje sou uma pedra quebrada que de ti parti e fui em movimento,
Rolando, rolando pelas encumeadas da vida
Mas ainda nunca teve assentamento.

Interviews: Fantástico. Obrigado por isto.

Não foi bonito?

Interviewer: Yeah.

Não é bonito?

Interviewer: Fantástico mesmo.

Sinto saudades,
Arde um vulcão no meu peito,
Arde constantemente,
Quero controla-lo com jeito,
Para que não exploda de repente.

Arde um vulcão no meu peito em grande atividade,
A sua lava vai percorrendo as encostas da saudade,
Saudade do Sol nascente nas manhãs de Primavera,
No verde das ervas nos campos, e no perfume da verde era.

Das vozes que eu conheci,
E os caminhos que eu percorri,
De pé descalço a brincar,
Arde um vulcão no meu peito,
Arde um vulcão no meu peito,



Interviewer: Quadra bonita.

Saudades das vozes que eu conheci,
E que me deixaram na solidão,
São marcas na minha mente,
Arde no meu peito um vulcão.

Interviewer: Está bom?

Já preguei muito.

Interviewer: Ótimo. Fantástico. Muito, muito obrigado.